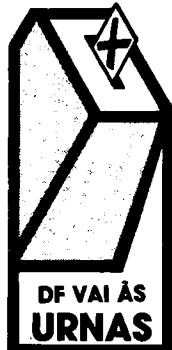


para a convenção

O PT tenta definir, hoje, em clima de crise, qual será o seu candidato ao Governo do Distrito Federal. Seja qual for o resultado o partido não sairá unido para a disputa eleitoral e ficará isolado das outras forças progressistas da cidade, que só aceitavam se coligá-
se o nome do professor Lauro Campos fosse indicado a governador. Lauro Campos retirou sua candidatura na sexta-feira e o presidente do partido, Orlando Cariello, passou a disputar praticamente sozinho a indicação. A surpresa da convenção, contudo, poderá ser a não indicação de Cariello, que não tem a maioria do partido a seu favor. Nesse caso, o PT voltaria a se reunir em 30 dias para escolher um outro candidato.

Mesmo que consiga obter a indicação será por uma margem pequena de votos, dos 235 delegados que participam da convenção, o que não lhe garante a coesão do partido na campanha. Há um forte ressentimento contra ele nas correntes Articulação, Vertente Socialista e Força Socialista. Essas forças, principalmente a Articulação, não vão trabalhar pela sua eleição, embora nenhum dos seus representantes assuma essa posição publicamente. Cariello seria, assim, "christianizado" e a força da militância seria dirigida unicamente para a candidatura do professor Lauro Campos, ao Senado, e aos candidatos a deputado federal e distrital.

Dentro do PT, nem todas as correntes que votaram com Cariello, pela tese da coligação restrita, que venceu as correntes Articulação, Vertente Socialista e Força Socialista, nas convenções zonais de semana passada, apóiam o seu nome para a indicação de candidato ao governo. Apesar do professor Lauro Campos defender a coligação ampla, o seu nome era o único que unia o



partido. O fato aprofundou a crise no partido, a ponto de Lauro Campos acusar Cariello e seu grupo, a Ala Vermelha, da "sabotagem", levando o PT ao isolamento de ao impor voto à entrada do PSDB na frente, com os demais partidos de esquerda, o que não

foi assimilado pelo PCB, PC do B e PSB. O fato gerou a renúncia de Lauro Campos, que não quis embarcar na "aventura".

Vazio

Mas a questão política está resolvida. A convenção deverá ratificar a decisão das zonais, de impor uma coligação restrita, embora, nem essa possibilidade exista mais para o PT, na medida os outros partidos já haviam decidido que só se coligariam com o nome de Lauro Campos como candidato sem as restrições ao PSDB. O PCB já se retirou das conversações para a formação da frente e o PSB e PC do B só esperam o resultado da convenção de hoje para tomarem a mesma atitude.

A crise do PT deixou boa parte das esquerdas no DF de "calças curtas". Discutiu-se a formação de frente por mais de dois meses, com conversas quase que semanais, e não se chegou a lugar nenhum. Ficaram todos na dependência do PT, embora a divisão interna, dentro do partido, sempre fosse clara: de um lado a Articulação, Vertente e Força Socialista, negociando pela coligação ampla e do outro Cariello, e outras correntes — Causa Operária, Convergência e o Trabalho — trabalhando contra. O divisor foi a convenção das zonais, que, na semana passada, viraram a mesa. O fato fará desdobramentos e a disputa interna poderá ter o seu desfecho com o desligamento dos setores mais radicais do partido. Um processo que já começou em nível nacional. (Luís Eduardo Costa)